



Centro Zen Flor de Lótus

## Majjhima Nikaya 74

### *Dighanakha Sutta* – Para Dighanakha

*Tradução e organização:* Gustavo Mokusen

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha, na Caverna do Javali, no Pico do Abutre.

2. Então, o errante Dighanakha foi até o Abençoado e trocou cumprimentos com ele<sup>1</sup>. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, assim é a minha doutrina e entendimento: ‘Nada é admissível para mim.’”<sup>2</sup>

“Essa sua ideia, Aggivessana<sup>3</sup>, ‘Nada é admissível para mim’ – nem ao menos essa ideia é admissível para você?”

“Se essa minha ideia fosse admissível para mim, Mestre Gotama, isso também seria a mesma coisa, isso também seria a mesma coisa.”<sup>4</sup>

3. “Bem, Aggivessana, há muitos no mundo que dizem: ‘Isso também seria a mesma coisa, isso também seria a mesma coisa’ mas eles não abandonam aquela ideia e tomam mais uma outra ideia. São poucos no mundo que dizem: ‘Isso também seria a mesma coisa, isso também seria a mesma coisa’ e que abandonam aquela ideia e não tomam uma outra ideia.”<sup>5</sup>

4. “Aggivessana, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento são: ‘Tudo é admissível para mim.’ Existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento são: ‘Nada é admissível para mim.’ E existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento são: ‘Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim.’”<sup>6</sup> Dentre estes, o entendimento daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento são ‘Tudo é admissível para mim’, está próximo da cobiça, próximo do cativo, próximo do deleite, próximo da agarrança, próximo do apego. O entendimento daqueles

---

<sup>1</sup> Dighanakha era o sobrinho do Ven. Sariputta. Nesta ocasião, Sariputta havia se tornado bhikkhu fazia apenas duas semanas e ainda estava no estágio de entrar na correnteza.

<sup>2</sup> Os comentários sugerem que Dighanakha era um partidário da doutrina da aniquilação, e explica esta afirmação com o seguinte significado: “Nenhum (tipo de) renascimento é admissível para mim.” É também provável que a afirmação de Dighanakha, “Nada é admissível para mim,” (*sabbam me na khamati*), se aplica de forma específica a outras ideias filosóficas e assim mostra que Dighanakha era um cético radical. A sua afirmativa equivale ao repúdio geral de todas as ideias filosóficas.

<sup>3</sup> O termo *Aggivessana*, pelo qual o Buda se dirige a Dighanakha no discurso, é provavelmente um termo que se referia a uma clã brâmane conhecida da época, os *Agnivesyāyanas*.

<sup>4</sup> Esta conversa, conforme interpretado nos comentários, pode ser compreendida da seguinte forma: O Buda sugere, através da sua pergunta, que a afirmativa de Dighanakha traz uma contradição inerente. Pois ele não poderia rejeitar tudo sem também rejeitar a sua própria ideia, e isso caracterizaria a posição oposta, isto é, que algo é admissível para ele. No entanto, embora Dighanakha reconheça o sentido da pergunta do Buda, ele continua a insistir na sua ideia de que nada é admissível para ele.

<sup>5</sup> O comentário diz que a primeira sentença se refere aos que primeiro adotam uma ideia básica eternalista ou de aniquilação e depois adotam variações secundárias daquela ideia; a segunda sentença se refere aos que abandonam a sua ideia básica sem adotar uma alternativa e passam a buscar um caminho de autoconhecimento.

<sup>6</sup> O comentário identifica as três ideias neste caso como eternidade, aniquilação e eternidade parcial. O entendimento eternalista está próximo da cobiça, porque afirma e se deleita com a existência; a aniquilação está próxima da não cobiça, porque, embora tenha uma concepção errada e perigosa da realidade, conduz ao desencantamento com a existência.



contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento são 'Nada é admissível para mim', está próximo da não-cobiça, próximo do não-cativeiro, próximo do não-deleite, próximo da não-agarração, próximo do não-apego."

5. Quando isso foi dito, o errante Dighanakha comentou: "Mestre Gotama louva a minha ideia, Mestre Gotama recomenda a minha ideia."

"Aggivessana, quanto aos contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento são 'Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim,' - o entendimento deles quanto ao que é admissível está próximo da cobiça, próximo do cativeiro, próximo do deleite, próximo da agarração, próximo do apego, enquanto que o entendimento deles quanto ao que não é admissível está próximo da não-cobiça, próximo do não-cativeiro, próximo do não-deleite, próximo da não-agarração, próximo do não-apego."

6. "Agora, Aggivessana, um homem sábio, entre aqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento são 'Tudo é admissível para mim' considera o seguinte<sup>7</sup>: 'Se eu agarrar com obstinação a minha ideia "Tudo é admissível para mim" e declarar: "Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso," então poderei ter uma desavença com os outros dois: com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento são "Nada é admissível para mim" e com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento são "Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim." Eu poderei ter uma desavença com esses dois, e quando há uma desavença, há disputas; quando há disputas, há discussões; quando há discussões, há aborrecimento.' Então, antevendo para ele mesmo desavenças, disputas, discussões e aborrecimento, ele abandona aquela ideia e não toma nenhuma outra ideia. Assim é como ocorre o abandono daquelas ideias; assim é como ocorre a renúncia daquelas ideias.

7. "Um homem sábio, entre aqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento são 'Nada é admissível para mim' considera o seguinte: 'Se eu agarrar com obstinação a minha ideia (...).

8. "Um homem sábio, entre aqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento são 'Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim' considera o seguinte: 'Se eu agarrar com obstinação a minha ideia (...).

9. "Agora, Aggivessana<sup>8</sup>, este corpo feito de forma material, consistindo dos quatro grandes elementos, procriado por uma mãe e pai, construído com arroz cozido e mingau, está sujeito à impermanência, a ser desgastado e pulverizado, à dissolução e desintegração. Ele deve ser considerado como impermanente, como sofrimento, sujeito à enfermidade, a um tumor, a uma flecha, a uma calamidade, a uma aflição, a algo estranho, à desintegração, visto como vazio, como não-eu. Quando alguém considera este corpo assim, ele abandona o desejo pelo corpo, a afeição pelo corpo, a subserviência ao corpo.

10. "Existem, Aggivessana, três tipos de sensações: sensação prazerosa, sensação dolorosa e sensação nem-dolorosa-e-nem-prazerosa. Na ocasião em que uma pessoa sente uma sensação prazerosa, ela não sente uma sensação dolorosa ou uma sensação nem-dolorosa-e-nem-prazerosa; naquela ocasião ela sente apenas a sensação prazerosa. Quando uma pessoa sente uma sensação dolorosa, ela não

---

<sup>7</sup> Este ensinamento é apresentado para mostrar a Dighanakha o perigo da sua ideia e assim encorajá-lo a descartá-la.

<sup>8</sup> Neste ponto Dighanakha tinha descartado a sua ideia de aniquilação. Assim, o Buda começa agora a lhe ensinar a meditação de insight, primeiro através da impermanência do corpo, e então através da impermanência dos fatores mentais a guisa das sensações.



sente uma sensação prazerosa ou uma sensação nem-dolorosa-e-nem-prazerosa; naquela ocasião ela sente apenas a sensação dolorosa. Quando uma pessoa sente uma sensação nem-dolorosa-e-nem-prazerosa, ela não sente uma sensação dolorosa ou uma sensação prazerosa; naquela ocasião ela sente apenas a sensação nem-dolorosa-e-nem-prazerosa.

11. “A sensação prazerosa, Aggivessana, é impermanente, condicionada, com originação dependente, sujeita à destruição, desaparecimento, decadência e cessação. A sensação dolorosa também é impermanente, condicionada, com originação dependente, sujeita à destruição, desaparecimento, decadência e cessação. A sensação nem dolorosa, nem prazerosa também é impermanente, condicionada, com originação dependente, sujeita à destruição, desaparecimento, decadência e cessação.

12. “Vendo dessa forma, um nobre discípulo bem instruído se desencanta com a sensação prazerosa, se desencanta com a sensação dolorosa, se desencanta com a sensação nem-dolorosa-e-nem-prazerosa. Desencantado, ele se torna imparcial. Através da imparcialidade a sua mente é libertada. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Está libertada.’ Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

13. “Um bhikkhu cuja mente esteja assim libertada, Aggivessana, não toma partido de ninguém e não disputa com ninguém; ele emprega a linguagem usada de forma corrente no mundo sem se agarrar a ela.”<sup>9</sup>

14. Agora, naquela ocasião o venerável Sariputta estava em pé atrás do Abençoado, abanando-o. Então ele pensou “O Abençoado, de fato, fala do abandono dessas coisas através do conhecimento direto; o Iluminado, de fato, fala da abdicação dessas coisas através do conhecimento direto.” Enquanto o venerável Sariputta considerava isso, através do desapego a sua mente foi libertada das impurezas.<sup>10</sup>

15. Mas no errante Dighanakha surgiu a perfeita e imaculada visão do Dharma: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.” O errante Dighanakha viu o Dharma, alcançou o Dharma, compreendeu o Dharma, examinou a fundo o Dharma; ele superou a dúvida, se libertou da perplexidade, conquistou a intrepidez, e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre.<sup>11</sup>

16. Então ele disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dharma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estava perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para que aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco

---

<sup>9</sup> O comentário menciona um verso que diz que um *arahant* pode usar as palavras “eu” e “meu” sem dar origem à presunção ou interpretando-as como se referindo a um eu ou ego. O Buda também diz sobre as expressões que empregam a palavra “eu”: “Esses são apenas nomes, expressões, modos de linguagem, designações de uso corrente no mundo, que o Tathagata usa sem se agarrar nelas.”

<sup>10</sup> Tendo refletido sobre o discurso para o seu sobrinho, o Ven. Sariputta desenvolveu um insight e alcançou o estado de arahant. Dighanakha alcançou o fruto de entrar na correnteza.

<sup>11</sup> Visão do Dharma é o caminho de entrar na correnteza. A frase “tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação” mostra a forma como o caminho surge. A função do caminho é penetrar todos os estados condicionados como estando sujeitos à origem e cessação. O “Dharma” mencionado aqui são as Quatro Nobres Verdades. Tendo visto essas verdades com o conhecimento direto, o praticante decepta o grilhão da dúvida e passa a possuir o “entendimento que é nobre, que emancipa, e que conduz à completa destruição do sofrimento.”



Centro Zen Flor de Lótus

refúgio no Mestre Gotama, no Dharma e na Sangha dos bhikkhus. Que o Mestre Gotama me aceite como o discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”